

O Livro de Daniel - Número cento e cinco

A Rejeição Progressiva do Evangelho: Do Nascimento de Cristo ao Apedrejamento de Estêvão

Jeff Pippenger

2024-02-29

No último artigo, observamos que a inspiração identificou que os judeus “selaram sua rejeição” do evangelho na cruz e, então, confirmaram novamente sua rejeição no apedrejamento de Estêvão. Como isso pode ser? É claro que a rejeição do evangelho pelos judeus contenciosos daquele período histórico se deu progressivamente. Eles já haviam sido preteridos no Seu nascimento. Do nascimento de Cristo ao apedrejamento de Estêvão, vê-se uma rejeição progressiva do evangelho.

Os homens não o sabem, mas as novas enchem os céus de júbilo. Com um interesse mais profundo e mais terno, os seres santos do mundo de luz são atraídos para a terra. O mundo inteiro está mais luminoso com Sua presença. Sobre as colinas de Belém está reunida uma multidão inumerável de anjos. Aguardam o sinal para anunciar ao mundo as boas novas. Se os líderes em Israel tivessem sido fiéis ao seu encargo, poderiam ter compartilhado da alegria de anunciar o nascimento de Jesus. Mas agora são deixados de lado. O Desejo das Eras, 47.

Desde o nascimento de Jesus até a morte de Estêvão, a rejeição progressiva do evangelho pelo antigo Israel é ilustrada. Reconhecer a rejeição de Cristo pelos judeus como progressiva permite identificar o "selamento de sua rejeição" tanto na cruz, onde o véu do templo foi rasgado, quanto na morte de Estêvão. O rasgar do véu do templo foi um símbolo de que eles já não eram o povo da aliança de Deus e, quando Estêvão foi apedrejado, ele viu Jesus em pé à direita de Deus, o que, em Daniel capítulo doze, versículo um, é um símbolo do fim do tempo de graça. A destruição de Jerusalém também é um símbolo do fim do tempo de graça.

A retribuição que sobreviria a Jerusalém só poderia ser adiada por pouco tempo; e, quando o olhar de Cristo repousou sobre a cidade condenada, ele viu não apenas a sua destruição, mas a destruição de um mundo. Ele viu que, assim como Jerusalém foi entregue à destruição, também o mundo será entregue à sua condenação. Ele viu a retribuição que será infligida aos adversários de Deus. As cenas que se desenrolaram por ocasião da destruição de Jerusalém se repetirão no grande e terrível dia do Senhor, mas de forma ainda mais pavorosa. Review and Herald, 7 de dezembro de 1897.

Foi somente a misericórdia de Deus que impediu que Jerusalém fosse destruída na cruz.

A crucificação de Cristo pelos judeus implicou na destruição de Jerusalém. O sangue derramado no Calvário foi o peso que os levou à ruína neste mundo e no mundo por vir. Assim será no grande dia final, quando o juízo cair sobre os que rejeitam a graça de Deus. Cristo, a pedra de tropeço deles, então lhes aparecerá como uma montanha vingadora. A glória do Seu semblante, que para os justos é vida, será para os ímpios um fogo consumidor. Por amor rejeitado e graça desprezada, o pecador será destruído. O Desejo dos Séculos, 600.

Foi somente a misericórdia de Deus que adiou a destruição de Jerusalém por ocasião da cruz.

Por quase quarenta anos, depois que o próprio Cristo pronunciou a sentença sobre Jerusalém, o Senhor adiou Seus juízos sobre a cidade e a nação. Admirável foi a longanimidade de Deus para com os que rejeitaram Seu evangelho e os assassinos de Seu Filho. O Grande Conflito, 27.

Na ocasião de Sua última purificação do templo, Jesus apresentou a advertência para fugir de Jerusalém quando a abominação da desolação, de que falou Daniel, o profeta, fosse vista por Seus seguidores. Na primeira vez em que Ele purificou o templo, Ele havia declarado que os judeus tinham feito da casa de Seu Pai um covil de ladrões, mas, na última vez, Ele disse: “a vossa casa vos é deixada deserta”. Mesmo antes da cruz, que estava prestes a ocorrer, o templo cujo véu seria rasgado na crucifixão já havia sido identificado como a casa dos judeus, não a casa de Deus. A irmã White aborda quando Cristo fez essa declaração e, à medida que seu testemunho prossegue, ela também trata dos quarenta anos de misericórdia prolongada.

As palavras de Cristo aos sacerdotes e governantes: 'Eis que a vossa casa vos fica deserta' (Mateus 23:38) haviam causado pavor em seus corações. Simularam indiferença, mas a questão não parava de lhes vir à mente quanto ao alcance dessas palavras. Um perigo invisível parecia ameaçá-los. Seria possível que o magnífico templo, que era a glória da nação, estivesse prestes a tornar-se um monte de ruínas? . . .

"Cristo deu aos Seus discípulos um sinal da ruína que viria sobre Jerusalém, e lhes disse como escapar: 'Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes; os que estiverem no meio dela retirem-se; e os que estiverem nos campos não entrem nela. Porque estes são dias de vingança, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas.' Este aviso foi dado para ser observado quarenta anos depois, por ocasião da destruição de Jerusalém. Os cristãos obedeceram ao aviso, e nenhum cristão pereceu na queda da cidade." O Desejado de Todas as Nações, 628, 630.

Cristo foi crucificado no ano 31 e, quase quarenta anos depois, no ano 70, Jerusalém foi destruída após um cerco de três anos e meio. Como Jerusalém poderia ter sido destruída na cruz, no ano 31, se ainda havia três anos e meio de tempo de graça, identificados nas setenta semanas em Daniel, capítulo nove, versículo vinte e quatro? Como essas aparentes inconsistências podem ser resolvidas? A solução mais fácil é simplesmente reconhecer o fato de que, quando se trata do fechamento do tempo de graça representado pelas setenta semanas, ele deve ser entendido como um fechamento progressivo da porta da graça. Isso é verdade, mas remove qualquer especificidade profética ao aplicar os marcos daquela história. Vou tentar explicar.

Se o Pentecostes representa a iminente lei dominical em que o outro rebanho na Babilônia é chamado a sair, por que foi três anos e meio após o Pentecostes que o evangelho foi aos gentios? A morte de Cristo ou a morte de Estêvão é um sinal do fechamento da porta da graça para o Israel antigo? Se o Adventismo laodiceano deixa de ser uma igreja na iminente lei dominical, a destruição do templo no ano 70 representou o fim do templo do Adventismo laodiceano na lei dominical? O que pode parecer inconsistências aparentes é resolvido pela aplicação de "linha sobre

linha", e quando essa aplicação é empregada, o testemunho dos marcos que estamos identificando torna-se muito claro e conciso.

A semana em que Cristo confirmou a aliança é dividida em dois períodos iguais de três anos e meio. Os primeiros três anos e meio começam no batismo de Cristo e terminam com Sua morte. O batismo é o símbolo de Sua morte e ressurreição, assim, o início desse período de três anos e meio é idêntico ao seu final. Nesse período, Cristo apresentou o evangelho exclusivamente aos judeus. O fim desses três anos e meio marca o início dos três anos e meio seguintes. O início do segundo período de três anos e meio começa com a morte de Cristo e termina com a morte de Estêvão. Nesse período, os discípulos apresentaram o evangelho exclusivamente aos judeus.

Esses dois períodos, que são linhas proféticas distintas, devem ser reunidos "linha sobre linha". Tanto os inícios quanto os fins possuem a marca de Alfa e Ômega, pois as histórias do início e do fim são as mesmas. Ambos os períodos de duração são idênticos, e a obra realizada durante cada período é idêntica. Cristo, que é o Primeiro e o Último, é também o criador de todas as coisas e, nesse sentido, é o Criador da Verdade. A palavra hebraica "verdade" foi formada por três letras hebraicas. A primeira letra, seguida da décima terceira letra, seguida da última letra do alfabeto hebraico, combinam-se para formar a palavra hebraica "verdade".

Ambos os períodos de três anos e meio têm Cristo como o primeiro e o último, pois Cristo está no início do primeiro período, no Seu batismo, assim como está no término, na Sua morte, desse primeiro período. E Cristo está na Sua morte no início do segundo período, e está de pé à direita de Deus no término do segundo período. O número treze é o símbolo da rebelião, e em ambos os períodos, quer o evangelho tenha sido apresentado pessoalmente por Cristo, quer, no segundo período, pelos Seus discípulos, os judeus cavilosos rebelaram-se contra a mensagem do evangelho.

Ambos os períodos têm a mesma duração, possuem a assinatura de Alfa e Ômega e identificam a mesma mensagem do evangelho. Esses dois períodos devem ser unidos "linha sobre linha". A metodologia de "linha sobre linha" é a metodologia de teste da chuva serôdia. É a metodologia dos últimos dias, e as verdades que são identificadas e estabelecidas por essa metodologia nos últimos dias são as que expurgam ou purificam os filhos de Levi durante o selamento dos cento e quarenta e quatro mil.

A quem ensinará ele o conhecimento? e a quem fará ele entender a doutrina? Aos desmamados do leite e retirados dos seios. Porque é preceito sobre preceito, preceito sobre preceito; regra sobre regra, regra sobre regra; um pouco aqui, e um pouco ali: Pois por lábios balbuciantes e por outra língua falará a este povo. A quem disse: Este é o descanso com que podeis fazer descansar o cansado; e este é o refrigério: todavia não quiseram ouvir. Mas a palavra do Senhor lhes foi preceito sobre preceito, preceito sobre preceito; regra sobre regra, regra sobre regra; um pouco aqui, e um pouco ali; para que fossem, caíssem para trás, se quebrassem, se enlaçassem e fossem presos. Isaías 28:9-13.

O versículo seguinte em Isaías dirige-se aos homens escarneceadores que governam o povo de Jerusalém. Para esses homens escarneceadores, o "descanso e o refrigério" (a chuva serôdia), que eles se recusaram a "ouvir", é o que os faz "ir, e cair para trás, e serem quebrantados, e enlaçados, e

presos”. Esse teste lhes foi apresentado por meio de outra língua, pois Elias, João Batista e William Miller não foram formados nas escolas teológicas de suas respectivas épocas. A mensagem da chuva serôdia que prova o adventismo laodiceano é a mensagem produzida pela aplicação de “linha sobre linha”.

Quando os primeiros três anos e meio da semana em que Cristo confirmou a aliança são sobrepostos aos outros três anos e meio, encontramos luz profética que esclarece quaisquer aparentes inconsistências que possam surgir em uma mente indagadora. A semana foi quando o Mensageiro da Aliança devia confirmar a aliança, e uma aliança bíblica deve ser confirmada com sangue. O batismo e a crucificação de Cristo, e o apedrejamento de Estêvão, todos apontam para o sangue. Ambas as linhas representam o sangue da aliança, e essas linhas confirmam a aliança.

Quando dispostos "linha sobre linha", o batismo e a crucificação são o primeiro marco, e a crucificação e o apedrejamento de Estêvão são o último marco. Quando reunidos em uma só linha, encontramos a cruz e Miguel que se levanta por ocasião da morte de Estêvão como duas testemunhas de que os judeus selaram sua rejeição do evangelho. A morte de Cristo é também a morte de Seu discípulo Estêvão, que é a Páscoa quando as duas linhas são combinadas. Três dias depois, Cristo é ressuscitado como a oferta das Primícias.

Mas agora Cristo ressuscitou dentre os mortos e tornou-se as primícias dos que dormiram. 1 Coríntios 15:20.

Entre a Páscoa e a Festa das Primícias, que ocorre no terceiro dia, está o início da Festa dos Pães sem Fermento. O pão sem fermento não “cresce”, e Cristo não ressuscitou no segundo dia; Ele ressuscitou no terceiro dia. Cristo e Estêvão morrem juntos na aplicação de “linha sobre linha”, mas Estêvão é ressuscitado depois de Cristo, pois há uma ordem para a ressurreição das primícias.

Mas cada um na sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda. 1 Coríntios 15:22.

As festas da primavera não podem ser separadas umas das outras, pois estão diretamente relacionadas entre si. Nesse sentido, Pentecostes representa a iminente lei dominical, quando haverá uma repetição do derramamento do Espírito Santo, e a segunda voz do capítulo dezoito de Apocalipse então chamará os que atualmente não conhecem o evangelho a saírem da Babilônia. A palavra "Babilônia" deriva da palavra "Babel", que significa confusão, pois foi na queda de Babel que Deus confundiu as línguas, e é em Pentecostes que Deus reverte a confusão das línguas para levar o evangelho ao mundo. Assim, Pentecostes e a lei dominical se alinham.

No Pentecostes, o dom de línguas foi dado aos discípulos, mas a sua mensagem então ainda estava restrita aos judeus. Quando ambas as linhas são reunidas, o Pentecostes ocorre no ano 34, quando Estêvão foi apedrejado e o evangelho foi então levado àqueles que atualmente não conhecem o evangelho.

Estêvão representa aqueles que serão ressuscitados "na Sua vinda", mas que morreram com Ele. A oferta das Primícias assinala a ressurreição de Cristo ao terceiro dia e também marca o início da Festa das Semanas, que é igualmente a festa de Pentecostes e que comemora a entrega dos Dez

Mandamentos no Sinai.

22 de outubro de 1844 corresponde à cruz, pois, entre outras provas, a Irmã White equipara o desapontamento dos discípulos após a cruz ao desapontamento que se seguiu a 22 de outubro de 1844. Tanto a cruz quanto 22 de outubro de 1844 prefiguram a iminente lei dominical. Pentecostes também tipifica a iminente lei dominical, mas ocorreu cinquenta e dois dias após a cruz. A cruz, que foi tipificada pela Páscoa, inaugura uma série de festas que comemoram as veredas antigas de Israel desde a noite em que o anjo da morte passou sobre o Egito até a entrega da lei. Embora as festas possuam suas próprias distinções, elas estão inseparavelmente ligadas entre si. É, portanto, correto aplicar os cinquenta e dois dias completos da Páscoa ao Pentecostes como um único marco.

Por essa razão, a cruz, a morte de Estêvão e o Pentecostes prefiguram a iminente lei dominical, quando começa o juízo executivo progressivo sobre a Babilônia Moderna, à medida que a segunda voz do capítulo dezoito de Apocalipse começa a chamar o outro rebanho de Deus para fora da Babilônia. É nesse marco que o juízo executivo sobre Jerusalém chegou, embora Deus, em Sua misericórdia, tenha adiado a destruição real do templo e da cidade para o ano 70, quase quarenta anos depois da cruz. A destruição da antiga Jerusalém representa o início do juízo executivo progressivo que começa nos Estados Unidos quando "a apostasia nacional é seguida por ruína nacional."

A verdade se estabelece sobre o testemunho de duas testemunhas, e nas duas linhas de três anos e meio em que Cristo confirmou a aliança encontramos duas testemunhas de uma morte e ressurreição que estão associadas à história que identifica a iminente lei dominical. Essa lei dominical, no capítulo onze do Apocalipse, é identificada como a "hora do grande terremoto". Essa "hora" está diretamente ligada a duas testemunhas que deram um testemunho de três anos e meio. O testemunho delas termina com sua morte e ressurreição.

O testemunho deles de três anos e meio, seguido de sua morte e ressurreição, tem sido representado pela morte e ressurreição tanto de Jesus quanto de Estêvão, pois, "linha sobre linha", Estêvão é representado como ressuscitado com Cristo. Na festa das Primícias, foram apresentadas duas ofertas principais.

Um era um cordeiro sem defeito, e o outro, uma oferta de cevada. A cevada representava a colheita que viria, e o cordeiro representava Cristo. Cristo ressuscitou ao terceiro dia, e Estêvão representava os que viriam depois, e a cevada representava a colheita que estava por vir. As duas testemunhas em Apocalipse onze testemunharam por três anos e meio, após o que foram mortas e, três dias e meio depois, ressuscitaram. Essas duas testemunhas haviam sido prefiguradas por Cristo, que foi as Primícias, pois representam os cento e quarenta e quatro mil, que também são primícias.

Olhei, e eis que um Cordeiro estava de pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo o nome de seu Pai escrito nas suas testas. E ouvi uma voz do céu, como a voz de muitas águas, e como a voz de um grande trovão; e ouvi a voz de harpistas tocando suas harpas: E cantavam como que um cântico novo diante do trono, e diante dos quatro animais, e dos anciãos; e ninguém podia aprender aquele cântico senão os cento e quarenta e quatro mil,

que foram redimidos da terra. Estes são os que não se contaminaram com mulheres; pois são virgens. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vá. Estes foram redimidos dentre os homens, como primícias para Deus e para o Cordeiro. E na sua boca não se achou engano; pois são sem culpa diante do trono de Deus. Apocalipse 14:1-5.

A oferta de cevada na Festa das Primícias representava a colheita que viria, e Estêvão, no ano 34, seguiu-se à morte de Cristo no ano 31; contudo, “linha sobre linha”, ambos morreram no mesmo marco. Em relação às ofertas de primícias, Cristo foi o cordeiro que foi morto e Estêvão foi a cevada. Segundo Paulo, “Cristo” é “as primícias dos que dormem”, e depois “os que são de Cristo, na sua vinda”. Os cento e quarenta e quatro mil são primícias, e são aqueles “que seguem o Cordeiro para onde quer que ele vá”.

Na "hora" do "grande terremoto" de Apocalipse capítulo onze, as duas testemunhas que profetizaram por três anos e meio, apenas para serem mortas e jazerem nas ruas por três dias e meio, são ressuscitadas. Elas são aquelas representadas por Estêvão, que profeticamente foi ressuscitado com Jesus, mas também depois de Jesus. São, portanto, ressuscitadas "três dias e meio" após serem mortas pela besta que subiu do abismo. Na mesma "hora" em que são ressuscitadas, sobem ao céu como um estandarte. O processo de sua ressurreição e ascensão é cuidadosamente delineado na Palavra profética de Deus, e inclui o fato de que foram tipificadas pela morte literal de Estêvão, representando assim uma morte espiritual que é operada sobre as duas testemunhas ao serem transformadas do movimento laodiceano do terceiro anjo para o movimento filadélfio do terceiro anjo.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

“Uma coisa é certa: os adventistas do sétimo dia que tomarem sua posição sob a bandeira de Satanás primeiro renunciarão à sua fé nas advertências e repreensões contidas nos Testemunhos do Espírito de Deus.

“O apelo a uma consagração mais profunda e a um serviço mais santo está sendo feito, e continuará a ser feito. Alguns que agora estão dando voz às sugestões de Satanás cairão em si. Há os que ocupam importantes posições de confiança e que não compreendem a verdade para este tempo. A eles a mensagem deve ser dada. Se a receberem, Cristo os aceitará e os fará cooperadores com ele. Mas, se se recusarem a ouvir a mensagem, colocar-se-ão sob a negra bandeira do Príncipe das Trevas.

Fui instruído a dizer que a preciosa verdade para este tempo está se abrindo de forma cada vez mais clara às mentes humanas. Em sentido especial, homens e mulheres devem comer da carne de Cristo e beber do seu sangue. Haverá um desenvolvimento da compreensão, pois a verdade é capaz de constante expansão. O originador divino da verdade entrará em comunhão cada vez mais íntima com aqueles que prosseguem em conhecê-lo. À medida que o povo de Deus recebe a sua palavra como o pão do céu, saberá que os passos dele estão preparados como a manhã. Receberá força espiritual, assim como o corpo recebe força física quando o alimento é ingerido.

Mal compreendemos o plano do Senhor ao tirar os filhos de Israel do cativeiro egípcio e conduzi-los pelo deserto até Canaã.

Ao reunirmos os raios divinos que irradiam do evangelho, teremos uma compreensão mais clara da economia judaica e um apreço mais profundo por suas importantes verdades. Nossa exploração da verdade ainda está incompleta. Recolhemos apenas alguns poucos raios de luz. Os que não estudam diariamente a Palavra não resolverão os problemas da economia judaica. Não compreenderão as verdades ensinadas pelo serviço do templo. A obra de Deus é dificultada por uma compreensão mundana de seu grande plano. A vida futura desvendará o significado das leis que Cristo, envolto na coluna de nuvem, deu ao seu povo. Spalding e Magan, 305, 306.